

24



# Pensamento Biocêntrico

# **Pensamento Biocêntrico**



Revista

# Pensamento Biocêntrico

Número 24

Julhoo / Dezembro de 2015  
Semestral

ISSN 1807-8028

Pensamento Biocêntrico	Pelotas	Nº 24	p - 1-72	Jul/Dez 2015
------------------------	---------	-------	----------	--------------

## **CORPO EDITORIAL**

Agostinho Mario Dalla Vecchia (Pelotas, Brasil), Feliciano Flores (Porto Alegre, Brasil), Geny Aparecida Cantos (Florianópolis, Brasil), Gaston Andino (Montevideo, Uruguai), Cezar Wagner, Ruth Cavalcante e Cássia Regina (Fortaleza, Brasil), Ismênia Reis (Teresina, Brasil), Stela Piperno (Carlos Paz, Argentina), Carlos Pagés (Buenos Aires, Argentina), Gabriela Mader (Colonia, Alemanha), Luis Otávio (Barcelona, Espanha) e Mônica Turco (Bolonha, Itália).

## SUMÁRIO

A COMPLEXIDADE NA CONSTRUÇÃO E ACOMPANHAMENTO DE PROJETOS SOCIAIS.....	7
REFLEXÕES DO FILME: "EDUCAÇÃO PROIBIDA" EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA Geferson Prediger .....	21
SOBRE MULHERES E DEUSAS Valmira Nair de Sousa.....	31
INTRODUÇÃO À TEORIA DA COMPLEXIDADE Agostinho Mario Dalla Vecchia.....	60



# A COMPLEXIDADE NA CONSTRUÇÃO E ACOMPANHAMENTO DE PROJETOS SOCIAIS

## INTRODUÇÃO

Em minha experiência com projetos sociais, considero como um grande desafio ao construir e acompanhar os projetos, a abertura de visão para perceber o todo, a dinâmica das relações e os diferentes tempos que os processos apresentam para as transformações sociais.

Desenvolvemos projetos com a perspectiva da economia solidária, sendo que o processo de conquista de reconhecimento político e de políticas públicas para a economia solidária teve um salto de qualidade em 2003, com a criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Este Fórum define que a economia solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra, seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida. O valor central da economia solidária é o trabalho, o saber e a criatividade humana e não o capital dinheiro e sua propriedade, sob qualquer de suas formas. Representa práticas fundadas em relações de colaboração solidárias, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza



em geral e de capital em particular. Busca a unidade entre produção e reprodução, evitando a contradição fundamental do sistema capitalista, que desenvolve a produtividade, mas exclui crescentes setores de trabalhadores do acesso aos seus benefícios.

Além disso, objetiva acima de tudo um projeto voltado para a qualidade de vida e de consumo o que requer sentimentos e atitudes que estimulem a solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial, sendo que a eficiência não pode se limitar aos benefícios materiais de um empreendimento, mas também como eficiência social, em função da qualidade de vida e da felicidade de seus membros e, ao mesmo tempo, de todo o ecossistema. É um poderoso instrumento de combate à exclusão social, pois apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades de todos, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a eliminar as desigualdades materiais e difundir os valores da solidariedade humana Este Fórum define como princípios gerais da Economia Solidária:

“A valorização social do trabalho humano; a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica; o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade; a busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza; os valores da cooperação e da solidariedade” (FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2003).

Para o êxito de um projeto, é fundamental o “mergulho” na comunidade e construir coletivamente a proposta que será implementada.

Apresento a seguir, alguns conceitos, para esta construção:

## DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

O campo da temática da libertação pode ser situada na realidade sócio-cultural e econômica das comunidades com as quais trabalhamos. Violência, fome, abandono, morte, drogadição, alcoolismo, desamor, desemprego, doença, condições de vida insalubres e lixo..., são algumas das circunstâncias concretas que engendram o cotidiano dos moradores da comunidade, fatos que se configuram em tessituras de uma rede complexa, que parece fechar-se sobre si mesma. Evidenciam-se nestas experiências, a dureza e a luta do viver e do sobreviver, a falta de oportunidades para o desenvolvimento e de assistência para superar as problemáticas, gerando comumente relações de violência e insegurança.

Essas problemáticas comumente se apresentam com tal complexidade que parecem, em primeira instância, constituir-se como um nó que dificilmente se deixa desatar. Por onde começar a puxar o fio que desemaranha esse nó e iniciar algum processo de mudança? (Pinho, Ana Maria Melo, pág 44)

Para a construção de um projeto social, é imprescindível perceber esta rede de interações, definida por GOES como análise e vivência da comunidade, conforme abaixo:

A vida coletiva, em um determinado grupamento social, no caso, a comunidade, implica a existência de um modo de vida próprio, um modo de atribuir significados à realidade, de interagir entre as pessoas, de construir as instituições, enfim, de realizar um cotidiano dentro de uma lógica social, afetiva e simbólica, consciente ou não. Nele se incluem facetas próprias da sociedade de consumo e comuns a toda população, como também formas particulares de viver, consumir, desfrutar e trabalhar decorrentes da cultura da pobreza que, entre outras características, incentiva o pobre a querer imitar os que os exploram e/ou mesmo fazer alianças com eles, como os cabos eleitorais, os capan-

gas e as lideranças profissionalizadas e setorializadas pelas políticas públicas.

O modo de vida da comunidade revela um viver em permanente construção e serve de matriz ideológica e psicológica para a formação de cada morador, além de base orientadora e técnica para suas atividades, sejam comunitárias ou não, sejam externas ou internas à comunidade. Dentre essas atividades individuais e coletivas, para nós, a principal é a atividade em favor da vida comunitária e que, por isso, a denominamos de atividade comunitária, quer dizer, um sistema de interações humanas (instrumentais e comunicativas) engendrado no modo de vida do lugar/comunidade no sentido da construção dos moradores como sujeitos do seu mundo e da vida em comunidade.

Partimos do princípio de que toda área de moradia e convivência, urbana ou rural, contém atividades comunitária por mais simples e específicas que sejam, as quais podem crescer e constituir um tecido comunitário vivo e ativo, integrado e com forte sentimento de identificação com o lugar. Essa atividade, em nosso entender, constitui o lugar central de análise, de vivência e de atuação do profissional na comunidade, pois fornece um corpo de informações relativas aos moradores e aos profissionais, relevantes para a compreensão de suas vidas e da própria comunidade. Ela é o fator-chave no processo de facilitação da vida comunitária, no qual profissional e moradores atuam em conjunto, seguindo linhas de ação, vivência, reflexão, diálogo e amizade.

Analisando e vivenciando a atividade comunitária, chegaremos a conhecer não só o processo social e econômico do lugar, como também o que pensam os moradores, o que sentem e o que fazem no dia-a-dia com relação a si mesmo e aos outros. Desse modo, podemos compreender as condições externas e internas que fazem ou que impedem o morador de se desenvolver como sujeito de sua própria história e da história da sua comunidade.

A análise da atividade constitui o ponto decisivo e método principal do conhecimento científico do reflexo psíquico da consciência. No estudo das formas da consciência social está a análise da vida cotidiana da sociedade, das formas de produção próprias desta e do sistema de relações sociais; no estudo de psique individual está a análise da atividade e dos indivíduos nas condições sociais dadas e nas circunstâncias concretas que lhes tem tocado ( Leontiev,1976,p.17).

É necessária a inserção tanto observacional e analítica como vivencial, com profundidade e compromisso comunitário para, junto com os moradores, definir caminhos de pesquisa e de transformação social. A análise nos permite distanciamento crítico da comunidade e de nós mesmos, e a vivência nos faz entrar sensível e emocionalmente no lugar, identificar-nos com ele, levando-nos a sentir a realidade social profunda acontecendo na vida de cada morador em seu cotidiano de luta, sofrimento e esperança.

Na perspectiva da complexidade, a realidade é um todo complexo, significa que vivemos dentro de um holos, e esse holos é interligado dentro de uma dinâmica complexa de relações e de interações, em uma constante formação e retroalimentação de uma rede, que em alguns momentos é instável, porque ela não permanece sempre da mesma forma. O movimento instável tem ondas, fluxos, onde ora está ativo, ora mais lento, ora vai estar incerto na perspectiva de que não há uma verdade absoluta e nem há a certeza na visão complexa. O fenômeno nos diz que as coisas não podem mais serem percebidas e compreendidas de um modo estável” começou assim e eu posso dizer que vai terminar deste jeito”. Na visão complexa de mundo, todos estão em rede. Mudanças mínimas iniciais podem mudar o fluxo natural das coisas, podem modificar o fluxo, alternando ou refazendo a rede, destruindo ou criando uma nova forma. Essa instabilidade gera um movimento contínuo entre equilíbrio e desequilíbrio. Há

uma transformação constante dentro de uma estrutura múltipla, de múltiplos laços. Embora não se tenha a consciência, embora algumas pessoas não possam ter a dimensão desta visão complexa, o fenômeno existe e é construído continuamente dentro de um tempo cronológico, que vai alternando e criando noutras possibilidades a toda hora, são vários laços que são alimentados uns pelos outros, tornando-se vivo, numa espiral evolucionária. (Andrade Cassia Regina, pág 46))

Para esta análise do dia-a-dia das comunidades, utilizamos o círculo de cultura, definido por Goes conforme abaixo:

Processo de grupo popular desenvolvido por Paulo Freire como espaço reflexivo e participativo, adequado à alfabetização de adultos. Posteriormente, passou a ser utilizado para outros tipos de ação popular baseada no método *Ver-Julgar-Agir* da Teologia da Libertação, favorecendo a discussão democrática e conscientização.

Parte do princípio de que a democracia se constrói dentro de um aprendizado que se realiza por meio de uma educação problematizadora, crítica de inserção em um mundo real. Contrapõe-se à educação bancária, depositadora de conhecimento sem reflexão, sem pergunta. Por isso, o encontro entre os que aprendem transformando o mundo em que vivem é o encontro dialógico próprio do aprendizado da libertação. Cada indivíduo, no círculo, frente a frente com os outros, vai dizendo sua palavra e ouvindo a dos demais, atento, receptivo e integrado com o que se vive e o que se pretende construir.

O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se

acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumano continue. Se é dizendo com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isso o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem com buscar a verdade, mas com impor a sua. Porque é encontro de homens pronunciam o mundo, não deve ser doação de pronunciar uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa se manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens (Freire, 1979, p.92).

O círculo de cultura faz parte do eixo metodológico que parte de uma educação como prática de libertação. Círculo quer dizer o modo como as pessoas estão sentadas fazendo a palavra “circular” por entre todas, estando cada um em pé de igualdade para falar e ouvir atentamente. Cultura, porque todos ali têm um conhecimento e uma experiência de vida, fazem parte daquele lugar; pensam, agem, criam e têm algo a dizer para os outros, contribuindo para o conhecimento coletivo e a transformação da realidade.

O círculo de cultura é coordenado por um agente externo ou interno, chamado de animador, responsável por organizar as fichas de cultura e as palavras geradoras, estímulos culturais

levantados no cotidiano geral do oprimido (ficha de cultura) e dos participantes (palavras geradoras). Estas são extraídas do universo vocabular dos participantes. São palavras que refletem a realidade opressora e o modo de vida do lugar. Servem para a problematização da vida que levam, das condições opressão e dos modos de ação para transformá-las. Aparecem combinadas a fotos ou gravuras que expressam visualmente, ligando a reflexão às condições concretas de vida dos moradores participantes.

Executando o objetivo de alfabetização, as fichas e as palavras são utilizadas, com os mesmos objetivos: a integração do grupo, o aprofundamento da consciência, a problematização da saúde, a descoberta do sujeito do mundo e o desenvolvimento comunitário.

O método educativo de Paulo Freire tem como finalidade conscientizar os oprimidos da realidade da opressão. Criticamente conscientes dela, então, serão capazes de realizarem a ação para a superação das realidades opressoras e se libertarem como sujeitos do próprio processo libertador.

O método tem, pois, nos oprimidos os sujeitos da própria libertação. A luta é, assim, deles. O importante é que lutem como homens (sujeitos) e não como “coisas” (objetos). Segundo o nosso autor, eles, os oprimidos, não podem comparecer à luta quase como “coisas”, para depois serem homens. Devem reconhecer que são homens destruídos. Somente assim serão capazes de libertarem como pessoas. Assim, pois, segundo Paulo Freire, “a luta por esta reconstrução começa no auto reconhecimento de homens destruídos”. Este reconhecimento é dado pelo método psicossocial libertador, como no-lo propõe Freire e no qual os oprimidos percebem como estão sendo, isto é, “menos” para lutarem para o que devem ser, isto é, “ser mais”, mais pessoas para realizarem a sua vocação histórica (Simões Jorge. 1981, p.27).

Os projetos que são desenvolvidos, visam o desenvolvimento comunitário, assim definido por Goes:

Vemos o desenvolvimento comunitário como prática coletiva que facilita, concentra e utiliza os esforços comunitários dentro de uma estratégia de combate à pobreza, de proteção à Natureza e de fortalecimento do poder popular. Nesse esforço de desenvolvimento, em geral, consideramos alguns aspectos-chaves: o desenho histórico e socioideológico do lugar; seu meio ambiente e sua dimensão econômica; as relações sociais e institucionais; o lazer e a cultura; o modo de vida, os símbolos e a subjetividade social e individual .

Não estamos nos referindo aqui ao desenvolvimento de comunidade preconizado em geral nas políticas públicas, cujo papel maior cabe aos agentes externos. É propriamente desenvolvimento comunitário, já que se referencia na cultura local, no potencial comunitário, na experiência acumulada, na vontade dos moradores, na atividade comunitária, na integração comunitária e na relação de cooperação entre agentes externos. Não é uma ação de fora para dentro, sem considerar fundamental a história, cultura e capacidade de agir da comunidade, nem uma ação fechada em seu interior, cabendo exclusivamente a iniciativa, controle e sentido do desenvolvimento à própria comunidade. Nem uma nem outra coisa, mesmo que, ainda hoje, a iniciativa e o rumo do desenvolvimento continuem nas mãos do governo ou de outras agências externas, como as do terceiro setor, e não nas mãos dos moradores .

Esse tipo de desenvolvimento local implica a integração de ações e a relação pedagógica entre agente externo e comunidade, evidenciando assim o papel a importância de cada interlocutor na definição do rumo e do modo de desenvolvimento apropriados à realidade do lugar, isto é, definidos e compartilhados de comum acordo. Em última instância, a palavra final é da co-



munidade no que diz respeito ao sentido do desenvolvimento e ao controle da ação. Isso implica um desenvolvimento participativo, de busca de autonomia local, de interdependência e não de dependência ao exterior da comunidade.

Reconhecemos a importância do desenvolvimento comunitário nas estratégias de desenvolvimento municipal, mas há que aperfeiçoá-lo, sobretudo quanto a compreender as comunidades, também como realidades profundamente humanas e simbólicas, com experiência acumulada e uma identidade de lugar, organizadas em torno, principalmente, da luta pela sobrevivência.

Uma preocupação que temos acerca desse desenvolvimento encontra-se, por um lado, na questão do seu planejamento, das dificuldades que um planejamento centralizado, tecnicista ou não participativo tem para alcançar resultados significativos entre a população; e por outro, na fragilidade da própria ação local, principalmente quanto à sua dificuldade em garantir de modo mais duradouro e adequado a participação social e mobilização social.

De cima para baixo, e precipitadamente, os agentes governamentais impõem normas e condições para a participação popular e a criação de estruturas associativas, com o fim de efetivar “seus projetos” e de disciplinar e controlar a liberação de recursos financeiros para moradores. Nesse caso, a comunidade se torna “institucionalizada” por esses projetos. Isso está bem em termos gerais, mas não como processo facilitador da participação e da mobilização locais, pois muitas vezes a consequência ante essa imposição é a aparência associativa, ou seja, a criação de estruturas de mobilização social de qualquer modo e às pressas, por isso, vazias de participação social representativa e resultados. Não se fortalece o sujeito coletivo, organizado, consciente. Legalizar estruturas de mobilização social, de cooperação, de produção e de representação da sociedade, em que Estado e Sociedade se confundem no âmbito local, como é o caso dos conselhos

municipais e de outras políticas públicas, requer muito cuidado político e pedagógico, para não se cometerem erros que irão transparecer no funcionamento, no processo decisório e na ausência de resultados. Essas estruturas transformam-se em lugares de reuniões burocráticas, manipuladas, esvaziadas e apáticas, de pouco valia e cheia de aparências e enganos, cumprindo unicamente uma proposição normativa e cartorial, tanto para o Governo como para própria municipalidade.

Não negamos a importância dessas políticas, programas e projetos, desde que realizados de modo pedagógico, que possibilitem a construção orgânica de estruturas de mobilização, de serviços e de produção. Assim, os recursos servirão para potencializar a comunidade e alavancar suas atividades comunitárias com base na própria realidade e problemas locais, e não para institucionalizá-la. Porém, se os recursos forem pulverizados por meio de relações fragmentadas, personalizadas ou burocratizadas com associações, cooperativas, conselhos setoriais ou lideranças locais, o dinheiro investido não atingirá seus objetivos, gerando então mais desencanto para moradores, já tão carregados de frustrações, desinformação, desesperança e fatalismo.

Por fim, o desenvolvimento comunitário, é, antes de tudo, o desenvolvimento do sujeito comunitário, ou seja, do morador que se descobre cada vez mais como sujeito socialmente crítico, afetivo, responsável e capaz de mudar seu projeto de vida que se encontra, em geral, limitado por relações de dominação e alienação, dando tanto a seu projeto de vida como ao sistema de ação histórica da comunidade um novo sentido e uma direção consciente, mais própria e apropriada ao lugar.

Segundo a Pnud (1997), "a potenciação do indivíduo é o ponto de partida da ação comunitária" (p.108). Para nós, a questão central da potenciação é a criação de condições sociopsicológicas que facilitem o desenvolvimento da consciência crítica dos

moradores. Desse modo, as estratégias de facilitação do desenvolvimento comunitário devem contemplar em sua estrutura de ação o problema objetivo da consciência como questão central em sua planificação e ação. Considerar esse problema em um plano secundário ou isolado da vida concreta dos indivíduos é um grave erro de consequências negativas tanto para os moradores como para a vida comunitária.

Por isso a importância dos movimentos populares em saúde, a organização comunitária, os grupos populares, as oficinas produtivas, os grupos de cuidados ambientais, a educação ambiental, a expressão artística, a Biodança, a dramatização, as hortas comunitárias, os círculos de cultura e de encontro, os círculos de quarteirão, o mutirão, as lutas reivindicatórias, o esporte, a cultura e o lazer. São formas concretas da ampliação e aprofundamento da prática biocêntrica na comunidade, práticas que promovem, fortalecem ou restabelecem as condições ecológicas e o desenvolvimento humano e social do lugar; favorecem a transformação da identidade de oprimido e explorado em identidade saudável de cidadão.

Fica evidente, também, que essas práticas se constituem verdadeiras interações comunitárias, por facilitarem uma abertura à práxis coletiva mediante métodos e estratégias que se assentam numa base solidária, pedagógica, conscientizadora e amorosa.

Ao não considerarem as características e potencialidades das comunidades, os programas de qualificação destinam recursos financeiros para capacitações que acabam frustrando os participantes, que acabam desistindo destas atividades, por não se considerarem capazes de transformarem suas realidades.

## REFERENCIAS

ANDRADE, Cássia Regina Xavier de Andrade – Vida Comunitária Ação-diálogo e desenvolvimento INEC – Fortaleza- 2013

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Carta de princípios (2003). Relatório II Conferência Nacional de Economia Solidária (2010). Disponível em: <[www.fbes.org.br](http://www.fbes.org.br)>.

GOIS, Cezar Wagner de Ilma Saúde Comunitária Pensar e Fazer – Editora Hucitec – São Paulo - 2008

MENEZES, Ana Luisa Teixeira e Pinho, Ana Maria Melo A arte e a vivência na Psicologia Comunitária e na Educação Popular, Editora CRV – Curitiba – 2014



## REFLEXÕES DO FILME: “EDUCAÇÃO PROIBIDA” EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

Geferson Prediger

### RESUMO

Buscamos nesta reflexão, alguns elementos que nos ajudam refletir sobre os fundamentos da educação sua importância ontológica para formação sócio-histórica da humanidade. O exercício privilegia uma leitura histórica, crítica e ao mesmo tempo dialética, tecendo subsídios que vislumbrem a realidade como algo construído pela própria humanidade ao longo dos tempos, em recíproca e relativa relação. Destaca também a importância do educador e da educadora no processo de construção de uma educação emancipadora, que valorize a realidade dos sujeitos, que inter-relacione a parte com o todo, o conhecimento significativo. Sobretudo, que busque educar para uma sociedade mais justa.

**Palavras-chave:** Educação – Histórico-Crítico – Justiça Social – Educador – Realidade – Sujeitos – Emancipação.

### ABSTRACT

We seek in this reflection, some elements that help us reflect on the foundations of education their ontological importance to socio-historical development of mankind. The exercise focuses on a historical reading, critical and at the same time dialectical, weaving subsidies that envisage reality as something built by humanity itself over time in each other and relative relationship. Also highlights the importance of the teacher and educator in

the process of building an emancipatory education that values the reality of the subjects that inter-relate the part to the whole, meaningful knowledge. Above all, that seeks to educate for a more just society.

A preocupação com o “ensinar” perpassa sociedades e gerações ao longo da história da humanidade. Inúmeras pesquisas buscam aproximar-se do que seria o “ideal” deste ofício.

Desde os primórdios, a humanidade busca conhecer como se dá o processo de aprendizagem do ser humano, pesquisadores buscam explicações, fundamentadas em diferentes teorias e correntes filosóficas.

A filosofia ocidental em que se destacaram SÓCRATES, que foi professor de PLATÃO que por sua vez inspirou ARISTÓTELES, filósofos gregos que acreditavam ser preciso buscar explicações da realidade do mundo, nele mesmo, e não na religião ou na mitologia, questionavam o pensamento mítico, introduziam a razão como força motriz da explicação existencial. Entendiam que cada indivíduo age de acordo com seu perfil, que é único e determinado pela própria natureza.

Estas correntes filosóficas inspiraram, fundamentalmente, uma nova geração de pensadores que buscavam entender e dar explicação para o homem, a natureza, a política, a ética e a moral. A educação, por sua vez, deriva da existência humana e seu comportamento.

Estes conhecimentos científicos escolares, para se tornarem efetivo aprendizado, precisam ser significativos, ou seja, ter utilidade, relevância ao mundo real, ao cotidiano dos educandos, assim resumido: “Aprender é muito mais que memorizar fatos, é preciso dar significado ao que se aprende”. GOULART, 2002

Contudo, é fundamental perceber que conhecimentos são significativos ao efetivo aprendizado, nesse sentido, a pesquisa é um importante instrumento para construção do ciclo gnosiológico. Assim, Neste sentido, as diferentes e múltiplas linguagens produzidas pela humanidade ao longo da história da humanidade, são resultado de diferentes processos histórico-culturais, que refletem a construção da condição humana, a expressão do mundo, da cultura, pois somos nós, seres humanos, que atribuímos significados a nossa existência, ou seja, produzimos nossa existência. DEBORTOLI, 2002

Contudo, uma pergunta há muito tempo vem tomando espaço nos debates acadêmicos da educação, questionando sobre o fazer docente, sobre o que é preciso SABER e FAZER para ser professor educador? Segundo GAUTHIER, se faz necessário superar dois obstáculos fundamentais, “(...) o da própria atividade docente, por ser uma atividade que se exerce sem revelar os saberes que lhe são inerentes, e o das ciências da educação, por produzirem saberes.

A escola não deve ser um corpo estranho na comunidade, mas um instrumento de construção e disseminação do conhecimento universal e particular, sempre lincado com a realidade dos sujeitos.

“O processo de ensino-aprendizagem (...) está intimamente vinculado às práticas socioculturais e institucionais vividas pelo aluno em seu cotidiano, nas comunidades, nos grupos de convivência”. LIBÂNEO, 2012

O filme “Educação Proibida” nos faz refletir sobre o poder que o conhecimento carrega, quando assimilado pelas pessoas. Revela o conhecimento como meio de opressão ou libertação, que pode estar a serviço de determinada proposição/intenção.



Que as escolas, enquanto “veículo condutor” da disseminação do conhecimento, pode adotar inúmeras formas de interpor os conhecimentos acumulados pela sociedade, mas só terá o verdadeiro sentido libertador, se conseguir fazer com que as pessoas/crianças pensem, entendam como se aprende, como é a sociedade, de onde veio e para onde vai.

Lembro-me de que nos anos iniciais de minha educação (1ª a 4ª) séries, fomos estimulados a nos disciplinarmos com perfil do regime militar, na forma de organização, no comportamento, nas atitudes. Hoje, recordando aquele sistema de educação criado, percebemos que era simplesmente, uma réplica do regime militar, qual afinal, nossa educação permanece carregada de resquícios.

Acredita-se de que todo educador que busca construir uma educação emancipatória com os educandos, deve ser permanente pesquisador.

A pesquisa deveria ser elemento obrigatório para o planejamento na educação. Poderia ser ferramenta-base para avaliação do desempenho do ensino-aprendizagem do educador e educadora. Ser cobrado e monitorado pelas supervisões pedagógicas nas escolas, buscando sempre, qualificar o processo educacional.

Acredita-se de que a significação no processo de ensino-aprendizagem é uma espécie de combustível, que pode alimentar o gosto e vontade de aprender, buscar conhecer sempre mais.

Se a significação é “força motriz” do conhecimento, é fundamental que o corpo de educadores, busque na realidade, a significância do planejamento educacional, associe e vincule ao saber acumulado universal, porém útil e necessário à vida cotidiana daqueles educandos.

É preciso considerar a realidade como síntese de múltiplos fatos e fenômenos, sendo realidade hu-

mana, incluindo a percepção, os saberes e o trabalho das pessoas.

A escola não é uma ilha, estando relacionada sistemicamente a uma totalidade constituída de elementos que se relacionam entre si, permitindo uma análise dialética do micro ao macro e vice-versa, situando o entendimento com o lugar, região, estado, país, mundo e voltando a ela. (grife NOSSO)

É preciso contrapor o sistema mecânico educacional, da “decoreba”, do conhecer por conhecer, da educação bancária como dizia FREIRE.

A Pedagogia Problematizadora instiga como ponto de partida da pesquisa os contextos vivenciados e os conhecimentos em direção a superação de noções ingênuas, preconceituosas e simplistas.

Buscando atender a questão: “...*como a comunidade escolar pode ensinar os alunos a aprenderem a construir os conhecimentos necessários à sua formação?*”, poderíamos perguntar primeiro, que formação queremos construir? Para projetar então que conhecimentos seriam necessários a formação daqueles sujeitos, teríamos portanto, fundamentalmente duas hipóteses.

Uma delas, a de construir uma educação dependente, catequética, doutrinada ao “mercado de trabalho”, que inevitavelmente aponta a uma educação bancária, como conceitua FREIRE. A outra, uma educação histórico-crítica, que segundo conceito de SAVIANI, resume:

A natureza humana não é dada ao homem, mas por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada individuo singular, a humanidade que é produ-

zida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

Neste último, sugere uma construção da educação histórica e significativa com o sujeito, nunca “para” ele, sempre “com”. Remete ao esforço do educador, da comunidade escolar, através do conselho de classe, Associação de Pais e Mestres, instituições e agentes que são acima de tudo, espaços de participação popular, de formação e informação, desde que estimulados a tal, para compreender a natureza política da sociedade e que vivemos, da clareza da disputa de projetos das classes sociais, proletariado versus burguesia. Seria este ao nosso ver, o conhecimento necessário à formação do sujeito, para que desenvolva conhecimentos capazes de leitura da realidade também subjetiva, e sobretudo, tecendo possibilidades propositivas e emancipatórias.

A escola pode ser da comunidade! Quando essa, se sentir literalmente *don*a das estruturas escolares, quando decidir junto se responsabilizar pelas decisões que toma, seja de ordem material, social, cultural e institucional. Para que isso ocorra, é importante que se tenha bem definido as funções, responsabilidades e competências na organicidade escolar, para que não se confunda responsabilidade e autoridade em determinado processo, com centralismo e autoritarismo. Quando muitas vezes o diretor, acaba sendo o “testa de ferro” das ações do Estado na educação, pois a educação é reflexo do direcionamento político de uma sociedade, se tratando de uma sociedade que recentemente viveu um processo de ditadura militar.

É evidente que a figura do diretor representa um função destacada na escola. Contudo, não há receita a ser seguida, mas sim orientações gerais que a própria LDB aponta como fundamento genérico, e deixa flexível à criação na realidade. No entanto, certamente um dos fatores determinantes para que este

processo de gestão democrática na escola se concretize, passa pela formação do profissional na educação.

Se trata da qualificação de uma cadeia, que se volta à família, comunidade, educação infantil, fundamental, médio e superior, sobretudo, é possível que a formação profissional dos educadores e diretores escolares, devam estar carregada de discussões sobre o *método* a ser trabalhado na gestão escolar.

Não seria um dos papéis do diretor, coordenar, liderar, dividir tarefas? Quando muitas vezes se tem receio em *dividir*. Pois dividindo as tarefas, se divide conhecimento e poder, e quando muito, vemos diretores empoderados pelo poder público municipal principalmente, quando não elege o diretor da escola, mas indica, é o caso dos Cargos de Confiança.

Se traçarmos um paralelo com o ensino superior, artigo 56 da LDB, determina a composição de colegiados para gestão das instituições de ensino, observado princípios da gestão democrática, paridade e participação popular, contudo, reservam maioria das cadeiras à representação institucional. Revela-se aí, o receio da comunidade empoderar-se da instituição, do ensino, da educação. Logo, desafirma o enunciado no artigo 3.

Art. 56º. As instituições públicas de educação superior obedecerão ao princípio da gestão democrática, assegurada a existência de órgãos colegiados deliberativos, de que participarão os segmentos da comunidade institucional, local e regional.

Parágrafo único. Em qualquer caso, os docentes ocuparão setenta por cento dos assentos em cada órgão colegiado e comissão, inclusive nos que tratam da elaboração e modificações estatutárias e regimentais, bem como da escolha de dirigentes.

Mas como os interesses da comunidade podem ser interesses da comunidade?

Segundo SAVIANI (1992) in' caderno temático da UEL (2008), a escola "é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado e acumulado pela sociedade, não se tratando pois, de qualquer tipo de saber, e sim do conhecimento elaborado e não conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não a cultura popular.

Ressurge neste caso um tema polêmico em relação a escola e seu papel na sociedade, da maneira afirmada pelo autor, a escola seria um espaço para viabilização das condições de *transmissão* e *assimilação* do conhecimento, ou seja, ela não produz conhecimento! Ao nosso ver, a escola formada pelos sujeitos que dela e nela participam, principalmente os educandos, pode sim, construir conhecimentos. Acredita-se que o conhecimento, mesmo científico e acumulado pela sociedade, não é estático, mas sim dinâmico. Ou seja, está sujeito a adaptações e recriações, pois também foram concebidos da mesma forma.

A estrutura do currículo escolar é fundamentalmente essencial para a socialização dos saberes, acumulado pela humanidade, contudo, os processos de organização escolar e gestão são necessariamente dinâmicos, carregados de culturas, especificidades e concretudes de determinada realidade.

Segundo FREIRE, na escola há troca de saberes, obviamente alguns estabelecidos em currículo, por ser considerado de fundamental importância à formação humana, outros construídos e compartilhados a partir da realidade dos sujeitos.

Nesse sentido, a escola que fizemos as observações tem se esforçado para que a participação se efetiva cada vez mais. Atualmente a entrega de boletins tem sido um dos momentos de maior participação dos pais, além das atividades festivas e comemorativas promovidas pela escola. Tem viabilizado através de parcerias, a realização de programas educacionais promovidos

pelo governo federal, algo não tão comum às escolas do campo no município e região, como o programa Mais Cultura e programa Mais Educação. Sendo que através destes, se tem atraído mais a participação da comunidade junto a escola.

Como vimos, não há receita à participação e gestão escolar, contudo, a iniciativa criativa de ações que possam ser instrumento de fortalecimento da participação, sejam talvez a principal dica.

Todavia, é certo que educação é um processo inerente ao desenvolvimento das sociedades ao longo dos tempos, logo, percebe-se que não é estática, pois passa por transformações promovidas pelo meio, homem e natureza em seu tempo. Cabe a cada um e cada uma que acredita numa sociedade justa, de direitos assegurados, participativa e democrática, construir em cada espaço, um “desvelar” do mundo. Respeitando sempre as realidades e os sujeitos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 17.<sup>a</sup> edição.

GAUTHIER, Clermont. Ensinar: Ofício estável, identidade profissional vacilante

MARX, Karl. O capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações. 10<sup>a</sup> ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: Fundamentos ontológicos e históricos. Trabalho apresentado Educação na 29<sup>a</sup> Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa e

Educação (ANPEd), realizada em Caxambu, MG, de 16 a 20 de outubro de 2006.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In.: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). Campo. Políticas públicas: educação. Brasília: Incra-MDA, 2008, p. 67-86. (Por uma Educação do Campo, n. 7. Coleção).

# **SOBRE MULHERES E DEUSAS**

Valmira Nair de Sousa<sup>1</sup>

## **Resumo**

Este trabalho relata parte de uma pesquisa em Gineterapia realizada num grupo de mulheres, quando se trabalhou especificamente as quatro fases da Deusa que se expressam nos arquétipos da Deusa Menina, Deusa Donzela, Mãe Divina e Deusa Anciã, representando as quatro fases da mulher: a menina, a adolescente, a mulher madura e a anciã, utilizando-se a metodologia da Biodanza SRT, com o objetivo principal de compreenderem suas experiências vividas e refletirem sobre as percepções acerca do que é ser mulher a partir da sacralidade feminina. Para a coleta de dados se empregou a observação-participante, expressões gráficas, os compartilhamentos e o material coletado foi analisado de acordo com o método fenomenológico. Concluiu-se que há na Biodanza uma plasticidade que possibilita o desenvolvimento de trabalhos com temas variados, incluindo caminhos arquetipicamente femininos, o que se coaduna com a proposta da Gineterapia, a promoção do cuidado e do desenvolvimento da mulher. A condição para este trabalho é que o gineterapeuta seja também facilitador de Biodanza SRT, reconhecido pela IBF - International Biocentric Foundation.

**Palavras – chave:** Biodanza – Gineterapia – vivências – arquétipos – feminino

## **Abstract**

---

<sup>1</sup> Administradora Especialista em Dinâmica dos Grupos, Facilitadora Didata em BiodanzaSRT e em Curso de Pós-Graduação em Gineterapia pelo Instituto Tecnológico de Educação (ITECNE)



This work reports a part of a research in Gineterapia performed in a group of women, when the four phases of the Goddess express themselves in the archetypes of the Goddess Girl, Goddess Maiden, Divine Mother and Elder Goddess, representing the four phases of woman: Girl, adolescent, mature woman and the elderly, using the methodology of Biodanza SRT, with the main objective of understanding their lived experiences and reflecting on the perceptions about what it is to be a woman from the sacredness of women. For the data collection, the participant observation, graphic expressions, the shares and the material collected were analyzed according to the phenomenological method. It was concluded that there is in Biodanza a plasticity that allows the development of works with varied themes, including archetypically feminine paths, which is in line with the proposal of Gineterapia, the promotion of the care and development of women. The condition for this work is that the gineterapeuta is also a facilitator of Biodanza SRT, recognized by the IBF - International Biocentric Foundation.

**Keywords:** Biodanza - Gineterapia - experiences - archetypes - female

## Introdução

O presente artigo surgiu de uma pesquisa fenomenológica realizada com um grupo de Biodanza formado somente por mulheres, tendo por objetivo principal compreender suas experiências vividas e refletir sobre suas percepções acerca do que é ser mulher a partir da sacralidade feminina. Procura-se discutir nesse espaço a sacralidade a partir da Deusa mítica cultuada nos rituais pagãos de onde reconheciam a mulher como a cuidadora e doadora da vida, a mulher integrada aos ciclos da natureza, buscando seus significados nas civilizações antigas e nas antigas religiões de mistérios, com ênfase na Roda da Vida (as quatro fases da Deusa). Este artigo é um trabalho de conclusão do curso de Gineterapia onde se pretende promover um diálogo fenomenológico

co entre a BiodanzaSRT<sup>2</sup> e a Gineterapia, tendo como fundamento a experiência vivencial, base metodológica da Biodanza.

A Gineterapia – A Arte de Cuidar da Mulher é o resultado de anos de pesquisa de Mônica Giraldez, jornalista e terapeuta holística argentina, profunda conhecedora da Antiga Tradição das Mulheres e Sacerdotisa da Deusa que traz uma sabedoria arquetípica, com atenção no conhecimento da natureza e com vivências do Sagrado Feminino. Giraldez (2014)<sup>3</sup> afirma que a Gineterapia “é um veículo para prestar assistência ao corpo, à psique e ao espírito, usando chaves arquetipicamente femininas.” Do ponto de vista etimológico, a palavra gineterapia, criada por Mônica Giraldez, é resultado da união de dois vocábulos gregos: *gyne* (fêmea, mulher) e *therapheia* (cuidar, tratar de).

O gineterapeuta é um cuidador e cofacilitador do processo do outro e o seu papel é o de oferecer possibilidades para que a pessoa se torne agente da sua própria cura. Crema apud Leloup (2012, p. 11), declara que o processo de cuidar “é um dos aspectos mais importantes na tarefa da reconstrução do projeto humano”. Ainda sobre o cuidado, Boff (1999) o insere na fenomenologia ao afirmar que o cuidado não é algo independente de nós, mas algo que faz parte da condição humana. Nós não temos cuidado, somos o próprio cuidado. Sem o cuidado deixamos de ser humanos.

Facilitador é aquele que deseja facilitar algo, tornar mais fácil. Trazendo para a realidade do gineterapeuta, podemos dizer que facilitar é possibilitar ao outro perceber a sua complexidade para que possa construir o seu caminho e saber como caminhar. Quando falamos em cofacilitador, é porque essa facilitação não se dá sozinho, mas numa dialética onde terapeuta e cliente traba-

---

<sup>2</sup> Biodanza Sistema Rolando Toro

<sup>3</sup> Citação extraída da apostila oficial do Curso de Formação – Gineterapia – A Arte de Cuidar da Mulher – 1ª Fase: Iniciação nos Mistérios Femininos, 2014-2016, p. 2.

lham em conjunto e com trocas de saberes e energias. Os dois são cofacilitadores do mesmo processo.

Voltando à Gineterapia, além de se enquadrar nas terapias holísticas, traz também o conhecimento do Feminino Sagrado, da Antiga Tradição das Mulheres, adequado ao momento presente. Busca-se resgatar a arte milenar do cuidado feminino, o cuidado com a vida da forma como a mulher cuida, onde num processo de desestruturação, a pessoa é o centro. Sabe-se que o conhecimento das tradições antigas transcendia o racional e por isso era transmitido através de *mistérios*, sendo necessário ao neófito vivenciar (GIRALDEZ). Assim também acontece com a Gineterapia, onde a pessoa é iniciada e recebe as chaves para o seu desenvolvimento e para atuar como gineterapeuta.

A Biodanza, por sua vez, foi concebida e desenvolvida na década de sessenta por Rolando Toro Araneda, antropólogo chileno, ao perceber a competência da música e da dança em promover alterações fisiológicas e psíquicas capazes de aflorar potenciais adormecidos. Todos nós possuímos potenciais que não se manifestam por falta de estímulos positivos do ambiente em que vivemos ou em decorrência de estímulos negativos que reprimem a nossa expressão. Na Biodanza, tudo o que nos rodeia é chamado de *ecofator*, inclusive as pessoas com as quais nos relacionamos, que pode estimular ou inibir a expressão de nossos potenciais. Dada a nossa complexidade, necessária para que pudéssemos nos adaptar aos diversos meios, o que provavelmente contribuiu para a nossa sobrevivência neste planeta, somos um sistema muito aberto, altamente suscetível à influência do ambiente e das pessoas.

Em seu sentido etimológico, a palavra Biodanza, criada por Rolando Toro Araneda, deriva do grego *bios* que significa *vida* e do espanhol *danza*, entendido como *movimento integrado*

*pleno de sentido*. De forma literal é a *dança da vida* e formalmente ela é definida como sendo:

Um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originais da vida. A sua metodologia consiste em induzir vivências integradoras por meio de música, do canto, do movimento e de situação de encontro em grupo (Toro, 2002, p. 33)

Na Biodanza, a integração humana se dá através da função básica de conexão com a vida e ocorre em três níveis: integrar-se a si (resgatar a unidade psicofísica), integrar-se ao outro (restaurar o vínculo original com a espécie) e integrar-se ao universo (restabelecer o vínculo com a natureza e se reconhecer parte dela); a renovação orgânica consiste num processo decorrente da autorregulação (homeostase), da harmonia interna e da redução dos fatores de estresse, levando em conta a capacidade do organismo vivo de se renovar constantemente em nível físico e emocional; a reeducação afetiva propõe o estímulo da afetividade no ser humano como forma de potencializar a sua capacidade de amar; e a reaprendizagem das funções originais da vida se traduz numa sensibilização dos instintos básicos que representam uma expressão da programação biológica do ser, ou seja, onde está depositado um tipo de sabedoria biológica da espécie e que possui a sua própria lógica. (TORO, 2002)

De acordo com Toro (2002, p. 13), “a base conceitual da Biodanza provém de uma meditação sobre a vida” e ele a define de outra forma mais simples e poética, como sendo “a poética do encontro humano”. Trata-se de uma proposta essencialmente vivencial, praticada sempre em grupo e tem como elementos principais a música, o movimento, a vivência e o grupo.

O conceito de vivência foi apresentado por Dilthey apud Toro (2002, p. 29) que a definiu como “algo revelado no complexo psíquico dado na experiência interna de um modo de existir a realidade para um indivíduo”, ou seja, o instante vivido, o que se expressa no aqui-agora. Toro, por sua vez, se encantou com a vivência ao falar:

Como a água de uma vertente, as vivências surgem com espontaneidade e frescura. As vivências possuem a qualidade do original e têm uma “força de realidade” que compromete todo o corpo. As vivências não estão sob o controle da consciência. Podem ser “evocadas”, mas não dirigidas pela vontade. Em certa medida, estão fora do tempo, da memória, da aprendizagem e do condicionamento. (Toro)<sup>4</sup>

Temos nesse trabalho a atuação do gineterapeuta a partir de uma proposta essencialmente vivencial, ancorada numa percepção no qual não cabem elaborações, análises e racionalizações, mas sim uma consciência corporal, onde o sentir se sobrepõe à razão. Toro (2002, p.30) esclarece também que “a vivência constitui-se na experiência de nós mesmos, da nossa identidade, anterior a qualquer elaboração simbólica ou racional”. A Biodanza promove um movimento que vai das vivências aos significados. Metodologicamente, a vivência tem prioridade, traduzindo-se como a experiência original, anterior a qualquer elaboração. Posteriormente, caberá à consciência, segundo Toro (2002, p. 30) “registrar e denotar os estados internos evocados”. Dilthey vem reafirmar o encadeamento da vivência com a realidade através da sua conexão com o “significado”:

---

<sup>4</sup> Citação extraída dos Tomos Antigos escritos por Rolando Toro Araneda - Capítulo IV – Para uma inversão da estratégia epistemológica – p. 121

O nexa da vivência em sua realidade concreta repousa na categoria do significado. Esta é a unidade que toma o decurso do vivido e do revivido em conjunto na lembrança, embora o significado do mesmo não consista em um ponto de unidade que repouse para além da vivência, senão que esse significado está constitutivamente contido nessas vivências, como em seu respectivo nexa. (Dilthey apud Amaral, 2004, p. 55)

Na sua prática, as vivências são exercícios criados com determinados objetivos e significados existenciais, buscando sempre um efeito regulador, proposto pelo facilitador ao grupo, tendo a dança como movimento integrativo e expressão da subjetividade. A Biodanza se baseia no pressuposto de que a aprendizagem abrange todo o organismo e se dá em três níveis: (Toro 2002, p. 30) “*o cognitivo, o vivencial e o visceral*, que estão neurológicamente relacionados, e podem condicionar-se reciprocamente, embora possuam uma forte autonomia”. O seu objetivo é potencializar os componentes saudáveis da pessoa e por consequência, uma sessão de Biodanza se apresenta como um manancial de ecofatores positivos para que alcance o que a Biodanza é, *um sistema de integração humana*.

### **A pesquisa e o grupo**

Este trabalho se caracteriza pela intersubjetividade o que segundo Triviños (1987, p. 46), busca “transformar as formulações subjetivas em enunciados verdadeiros para todos os sujeitos”. A sua aplicação se fundamentou nos conceitos da pesquisa qualitativa e sobre ela, Haguette (1987, p. 55) revela que: “ênfata as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”. Moreira (2002) apresenta algumas características da pesquisa qualitativa a que vêm corroborar com o tipo de pesquisa aqui executada: ênfase na subjetividade; flexi-

bilidade no processo de conduzir a pesquisa; orientação para o processo; preocupação com o contexto; e reconhecimento do impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa. Escolheu-se a pesquisa qualitativa ao perceber que o seu foco é o ser humano e essa clareza se encontra ainda nas palavras de Moreira (2002, p. 55) “a pesquisa qualitativa foca-se no ser humano enquanto agente, e cuja visão de mundo é o que realmente interessa”.

Quanto ao método, se definiu pela abordagem fenomenológica, ao se considerar o mais apropriado e prosseguimos com Moreira (2002, p. 60) “sempre que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas, o método de pesquisa fenomenológico pode ser adequado”. Como corrente filosófica, (Trivinos, 1987) a fenomenologia surgiu no século XX com Husserl e tem por cerne o estudo das essências: a essência da percepção, a essência da consciência. É também uma filosofia segundo a qual o mundo está sempre “aí”, antes da reflexão, de forma indiscutível e o que se busca é o contato com este mundo para lhe dar um status filosófico.

Além de ser uma corrente filosófica, a fenomenologia se mostra também como um método de pesquisa caracterizado por um rigor metodológico distanciado da busca da precisão quantitativa e do mecanicismo do positivismo. O vocábulo fenomenologia (Moreira, 2002) deriva de duas palavras de origem grega: *phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo), trazendo no seu sentido etimológico como sendo o estudo ou a ciência do fenômeno, tendo fenômeno no seu sentido mais genérico, tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela por si. Nesse caso, o que interessa não é a coisa em si, mas como essa coisa é percebida pela consciência. A fenomenologia se ocupa com a percepção daquilo que nossos sentidos captam e que se torna visível a nós. Esta intenção está profundamente afinada com a metodologia da Biodanza que traz em

sua essência o entendimento das vivências como poder reorganizador existencial, por ser a primeira experiência afetiva de uma pessoa e com registros corporais. Esse trabalho trata das vivências experimentadas por cada mulher do grupo no decorrer de suas vidas, tal como veremos a seguir.

O grupo foi formado a partir de um convite para mulheres adultas e minhas conhecidas que desejassem participar de um grupo de Biodanza com a finalidade de uma pesquisa para o trabalho de conclusão do curso de Gineterapia, onde se “dançaria” as quatro fases da Deusa, com embasamento no estudo dos arquétipos da Deusa Menina, Deusa Donzela, Mãe Divina e Deusa Anciã, correspondentes às quatro fases da mulher: infância, adolescência, maturidade e velhice. A inspiração para esta pesquisa partiu do estudo do primeiro seminário da formação em Gineterapia intitulado Mistérios da Roda da Vida – As quatro fases da Deusa, parte da primeira fase: Iniciação nos Mistérios Femininos. O grupo se constituiu por dez mulheres com idade entre 36 e 62 anos, sendo seis casadas, duas separadas e duas solteiras, com profissões variadas: uma massoterapeuta, uma jornalista e designer, duas psicólogas, uma funcionária pública, uma advogada aposentada, uma professora de ioga e duas que se apresentaram como “do lar”. Sobre a participação de trabalhos em grupos, oito tinham participado e duas não; sobre a participação de grupos do Sagrado Feminino, cinco tinham participado e cinco não; sobre conhecimento e a prática da Biodanza, seis já praticavam no período da pesquisa, uma tinha praticado somente na adolescência e três nunca tinham praticado.

Acordou-se com todas as participantes que o grupo teria uma formação temporária limitada a oito encontros quinzenais, com duração de três horas em cada encontro, porém sete sessões foram suficientes para a conclusão do trabalho. A minha participação no grupo se deu com atributos de observadora-participante, sendo minha atuação, além de ser como ginetera-



peuta, também como facilitadora do grupo, uma vez que esta última competência me foi conferida pela IBF – International Biocentric Foundation, que concedeu a titulação de professora de Biodanza após três anos de formação. No primeiro encontro, as pessoas foram informadas sobre os objetivos da constituição daquele grupo, a necessidade do sigilo e os procedimentos da pesquisa, com a clara permissão de todas as envolvidas. O conteúdo para a conclusão da pesquisa foi adquirido através da observação do grupo, material escrito durante algumas vivências e a gravação das partilhas feitas com autorização do grupo, realizadas sempre na primeira metade de cada encontro. Na descrição da pesquisa propriamente dita, foram usados pseudônimos para proteger as participantes. A escolha dos nomes fictícios foi feita se utilizando o Oráculo da Deusa, quando foi tirada uma carta para cada mulher com uma Deusa específica.

Uma “aula” de Biodanza é chamada de sessão e se constitui de dois momentos: o primeiro é a roda de intimidade verbal ou relato de vivências, no qual as pessoas são convidadas a compartilhar com o grupo sobre as vivências do encontro anterior e sobre algum fato significativo durante a semana. Esse momento tem por finalidade estimular a pessoa na expressão da identidade a partir do seu aspecto verbal, desenvolver a habilidade de falar na primeira pessoa e se perceber ao falar, perceber o momento de calar e se disponibilizar para a escuta da fala do outro; o segundo momento é dedicado às vivências quando as pessoas são estimuladas a não falarem para não incitar a parte do cérebro chamado de córtex cerebral, em razão de suas funções inibidoras das emoções. Esse primeiro momento da sessão foi aproveitado para reunir valiosos conteúdos de pesquisa através da gravação das partilhas realizadas no grupo, com a total autorização de todas.

### **A Roda da Vida**

A Roda da Vida, da forma como foi estudada e aplicada nesta pesquisa, é uma criação de Mônica Giraldez a partir de seus longos anos de experiência e foi tema do primeiro seminário intitulado Mistérios da Roda da Vida – As 4 Fases da Deusa, da 1ª Fase: Iniciação nos Mistérios Femininos, do Curso de Formação em Gineterapia – A Arte de Cuidar da Mulher. Giraldez explica também que as quatro fases da Deusa - Deusa Menina, Deusa Donzela, Mãe Divina e Deusa Anciã - são o desdobramento e formas de expressão da Deusa-Mãe, Senhora da Vida e da Morte. Em referência a este tema, Giraldez<sup>5</sup> afirma que:

Quando entramos em contato com os quatro Arquétipos Básicos do Divino Feminino e com a ressonância de nossos ciclos com os ciclos cósmicos podemos usar plenamente nosso poder interno para revelar o mistério e transformarmos a nós mesmas e a nossa cultura. É a totalidade de nosso ser que atua, os pedaços reunidos, reintegrados e transformados em uma Nova Mulher que se dá à luz a si mesma.

O estudo do feminino nesta configuração tem por objetivos, entre outros, saber diferenciar “arquétipos” - modelos da psique profunda (forças potencializadoras) de “estereótipos” - modelos culturais que variam de acordo com as culturas e os interesses dominantes; estabelecer contato com o mundo arquetípico e aprender a ativá-lo através de chaves mágicas e rituais específicos; recuperar a conexão com a natureza e seus ciclos; encontrar nosso centro de poder no mais profundo de nós mesmas, o feminino arquetípico; e reconectar com a ampla gama de possibilidades práticas e concretas. (GIRALDEZ)

---

<sup>5</sup> Citação extraída da apostila oficial do Curso de Formação – Gineterapia – A Arte de Cuidar da Mulher – 1ª Fase: Iniciação nos Mistérios Femininos, 2014-2016, p. 16

## A Deusa Menina

A Deusa Menina representa o nosso primeiro rito de passagem, o Nascimento, a primeira respiração e tem como iniciação a fase da infância, se refere às nossas vivências de menina. Suas correspondências são: Porta – Leste; Estação do ano – Primavera; Fase da lua – Nova; Fase do dia – Amanhecer; Elemento – Ar; Símbolo – Semente; Instrumento – Espada; Verbo – Saber. Simboliza uma nova possibilidade de vida. Todas as culturas trazem o mito da criança sagrada que nasce para salvar o mundo e que geralmente é perseguida pela ordem instituída, retentora do que já existe. Esses mitos representam o novo começo, surgindo dentro de nós de forma misteriosa e inesperada, gerando novas possibilidades de vida. Giraldez<sup>6</sup> ressalta a potência deste arquétipo na expressão de que “a força deste arquétipo quer nosso reconhecimento e não pode ser ignorada sem acarretar sérias consequências [...] A semente da divindade que levamos dentro precisa ser cultivada, se preparar para aflorar. Desenvolver os talentos”.

A obra de Giraldez é atravessada por recursos arquetípicos e por isso vale a pena abrir um parêntese e recorrermos a Jung (2000, p. 16) para entendermos melhor o que é arquétipo: “o arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência”. Para Jung, arquétipo traz um conhecimento que já existe em nós e se manifesta de forma involuntária e essa soma de imagens psíquicas vai gerar um processo criativo, porém vivencial, utilizado para explicar determinados fatos ainda não compreendidos pelo homem primitivo, os mitos que são também ensinamentos. Ainda por Jung (2000, p. 148), “a mentalidade primitiva não

---

<sup>6</sup> Idem, p. 20-21

*inventa* mitos, mas os *vivencia* (grifo do autor) [...] Os mitos têm um significado vital”

A Deusa Menina representa a nossa potencialidade pura, a Criança Divina, O Louco do tarô. Outros atributos deste arquétipo são o conhecimento puro, o silêncio infinito, o equilíbrio perfeito, a invencibilidade, a simplicidade e a alegria. Simboliza a natureza essencial do ser, uma natureza de potencialidade pura. Despertar a criança arquetípica em nós é despertar a liberdade de sonhar, de brincar e agir pela ação de nossa alma, abrir o campo da criatividade infinita. Evocar a linguagem interna da imaginação, do sonho da magia. Inspirar-nos a viver em conexão com a nossa essência, a praticar o silêncio, a nos vincular com a inteligência da natureza, seus mistérios, seus encantos. (GIRALDEZ)

### A Deusa Donzela

A Deusa Donzela traz a vivência do nosso segundo rito de passagem, a Menarca e tem como iniciação a fase da adolescência, quando a menina passa a ser donzela através da menstruação. Suas correspondências são: Porta – Sul; Estação do ano – Verão; Fase da lua – Crescente; Fase do dia – Meio dia; Elemento – Fogo; Símbolo – Flor; Instrumento – Pau; Verbo – Querer. Este arquétipo retrata o poder da força do desejo presente nos ovários, onde estão depositadas as nossas sementes. É nesta fase que a mulher percebe o poder sagrado dos seus ciclos, do seu corpo, do seu sexo, do seu fogo. Ela é a flor desabrochada a partir da semente da menina. É a iniciação do trabalho consciente com a sua energia, quando a adolescente começa a descobrir qual é o seu dom, sua vocação, o chamado de sua alma. Os grandes desafios da Donzela são o de escutar o chamado de sua alma, encontrar a sua vocação e aprender sobre as polaridades do plano físico, energético, psíquico e espiritual através da relação com o masculino. (GIRALDEZ)

## A Mãe Divina

Com a Mãe Divina, somos iniciadas no terceiro rito de passagem que é a Concepção, quando a flor vira fruto e o desejo da Donzela se manifesta no plano físico. Ela também possui as suas correspondências para facilitar a sintonização com o feminino: Porta – Oeste; Estação do ano – Outono; Fase da lua – Cheia; Fase do dia – Entardecer; Elemento – Água; Símbolo – Taça; Instrumento – Taça; Verbo – Ousar. Este arquétipo traduz a Senhora do Lar com todos os cuidados, reina no nosso interior e possui uma sabedoria muito profunda. Expressa em sua energia o cuidado da casa e tudo o mais que facilite os desejos e o conforto de sua família. A Mãe Divina é a mulher nutridora de alimentos e de amor e está fortemente vinculada ao arquétipo da Filha, relação sagrada de fases distintas da Deusa. Com o patriarcado essa relação se deteriorou e hoje o que se vê é o caminho da filha de volta para a casa, na busca da sua integridade psíquica e, como afirma Giraldez, “parir-se a si mesma a princípio e à sua mãe e às suas avós”.

## A Deusa Anciã

A Deusa Anciã nos presenteia com o quarto rito de passagem que é o Climatério, época de grandes mudanças. Ela se revela e se manifesta através desses símbolos: Porta – Norte; Estação do ano – Inverno; Fase da lua – Minguante; Fase do dia – Noite; Elemento – Terra; Símbolo – Raiz; Instrumento – Ouro; Verbo – Calar. Esta é a dimensão da sabedoria, quando o corpo perde a força e mudanças significativas ocorrem: sobe o calor, redução da visão dual e o despertar do terceiro olho, desestabilização emocional decorrentes das oscilações hormonais e o surgimento da bruxa feia, com o cair das máscaras, com todo o poder do senso de humor, liberdade e verdade. Temos aqui a poderosa Senhora do Inverno que nos aguarda num lugar escuro e

profundo que existe dentro de nós, onde se realiza o processo de transmutação, libertador do sofrimento, a beleza da morte, trazendo a sombra para ser reconhecida e acolhida. (GIRALDEZ)

### Sobre Mulheres e Deusas

Lispector (p. 68), em seu último romance *A hora da estrela*, através da personagem Macabéa “[...] pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher”. Simples assim, sem muitos questionamentos e paliativos, a autora nomeia o que é ser mulher e sem palavras balsâmicas, ela singulariza a força do feminino. Esta foi a abordagem do primeiro encontro, que teve por objetivos integrar o grupo e levar as participantes a uma reflexão sobre o que é ser mulher, com vivências que evocassem a sua autoestima.

Uma das vivências relevantes nesse encontro, conforme os relatos, partiu do convite para cada participante se olhar, se perceber no seu próprio mistério, se sentir na sua sacralidade e escrever um poema “Ser mulher”. O objetivo foi possibilitar o contato consigo, com as suas emoções e com tudo que fluísse da sua essência. Selecionei pequenos trechos dos poemas que afloraram nesta vivência e que expressaram a subjetividade de cada mulher. Shakti: “*Eu sou forte e sensível. Forte porque sensível. Forte porque inteira. Forte porque complexa*”. Bast: “*Mulher com este sentido de vida, seja abençoada e jamais reprimida*”. Maeve: “*Sou esse universo de emoções, que muitas vezes me devora, me amarra e outras vezes me incentiva*”. Tara: “*Eu sou o tom mais sublime da presença. Tudo em mim cabe. Tudo em mim é amor e calor, lua cheia, mar de prata*”. Eurínome: “*Eu sou uma mulher construindo o meu caminho. Estou me reconhecendo, me descobrindo, me amando*”. Sheila: “*Eu sou mulher, eu sou loucura, eu sou busca, eu sou devoção. Eu sou obra prima em construção*”. Cerridwenn: “*Falo a verdade ao meu cora-*

*ção e o meu verbo é livre, mas diz a honestidade de minha alma livre, cantarolando os sons da dúvida, certeza, medo, dor, fúria e amor”. Hator: “É ter liberdade e refletir, é ser especial ao planeta, é saber dizer NÃO, é não permitir exploração, é se cuidar, é se encontrar, é dançar”. Kwan Yin: “Eu sou uma beija-flor que baila no ar atrás de flores, procurando um sabor de mel, encontro parceiros para amar e com eles aprendo o limite da dança, do calor do sol”*

Outra vivência significativa foi o caminhar majestoso num corredor formado pelo próprio grupo e cada uma falava o seu nome precedido pela expressão *Eu sou* e dizia em seguida, *Eu sou mulher*. Shakti compartilhou sobre a intensidade desse momento e a surpresa por ter composto a sua escrita com letra cursiva, que não usava há 22 anos:

*[...] Para mim, aquele corredor de falar “Eu sou mulher” foi muito forte. Eu achei que não ia conseguir, que ia começar a chorar e aí eu também senti o impacto daquela caminhada, daquele momento, do quanto ele foi importante, um divisor de águas na minha postura no mundo. Eu nunca tinha me colocado assim. [...] Quando eu parei para escrever, saiu essa letra cursiva, uma linha que estava guardada lá no fundo.*

Este exercício teve por objetivo aumentar a autoconfiança e revelar a força da identidade da mulher ao mundo através do grupo. Encontramos nas palavras de Toro (2009, p. 27) o significado e os efeitos deste movimento: “o exercício de caminhar com exaltação da própria presença estimula a expressão da identidade. Não se trata de manifestar o ego, mas, ao contrário, de mostrar com plenitude nossa identidade, que se manifesta através da segurança e confiança em si mesmo”.

Outras mulheres também compartilharam o quanto esta vivência foi reveladora na expressão de sua plenitude de ser mulher. Bast: *“Aquilo mexeu profundamente comigo. Então nessa semana eu tive algumas decisões para tomar e não me senti desesperada e a primeira coisa intuitiva que veio do coração foi ‘não’. Acho que dizer e defender ‘eu sou mulher’ fez a diferença na semana”*. Maeve: *“Eu tomei uma postura em uma relação que sempre quis tomar e fiquei serena. Foi o primeiro final de semana que fiquei sozinha e fiquei bem. [...] Curti estar sozinha, fiz um almoço só para mim, foi bom. E realmente fez a diferença”*. Eurínome: *“A vivência do ‘Eu sou mulher’ foi muito forte para mim, me senti mulher, dona do meu corpo. Eu sou eu, eu sou assim”*.

Para Sheila, a vivência significativa foi a dança de Shiva, que representa morte e renascimento, transformação. Ela disse que ao retornar das férias, naquela semana, recebeu a notícia em seu trabalho de que não iria mais mudar de setor e com isso, se sentiu frustrada. Porém, ficou surpresa com a maneira como lidou com esta situação:

*Eu senti que tive uma reação diferente. Eu me senti conseguindo conciliar a situação de outra maneira. Eu não senti raiva como eu costumava sentir. Eu refleti sobre onde eu desejava ficar, mas me propus ficar bem onde eu estava, apesar da frustração. Com Shiva eu descobri outra for-*



*ma de dançar, dançar com um pé só, tentando me equilibrar numa situação que eu não posso mudar.*

Em seu depoimento, Tara não fez menção a nenhuma vivência específica, apenas expressou como ela se sentiu no grupo:

*Parece que estou num útero materno. Eu sinto, mas não sei explicar. Fui, durante a semana, digerindo tudo isso e estou na semana de TPM e me percebi tão tranquila, foi atípico. Fiquei muito menos irritada do que ficaria normalmente. E eu pensei: a minha menstruação não está para descer? Então, eu lembrei que sim e percebi que o processo está bem diferente dos outros meses. Estou numa postura de observadora de mim.*

Estamos agora no segundo encontro, o despertar da menina adormecida no corpo da mulher. Percebi nas palavras do grupo grande ressonância com a teoria, em especial ao que foi reavivado em cada uma no acordar da menina arquetípica. A fala e a escrita de Cerridwen contam sobre o silêncio da menina e um reencontro com o momento do seu nascimento. Na sua carta ela se expressa de forma amorosa, acolhendo afetuosamente a sua criança: “[...]sinta-se abraçada menina que se cala e gosta do silêncio. O teu silêncio é uma reverência e contemplação. Sei que observas tudo e a todos. Quando a tua voz vem ao mundo é uma melodia aos ouvidos de quem te ama”. E na sua fala, compartilha sobre as impressões da vivência de flutuar no líquido amniótico, que ela chama “nascimento”. Este exercício é feito em dupla e pode induzir uma percepção de retorno à vida intrauterina, trazendo lembranças sobre esse período.

*[...] A vivência do nascimento foi importante, porque eu me lembro de minha mãe falando que não sentiu dor nenhuma no parto e não me sentiu*

*chegar. Para mim, ficou registrado como se eu não existisse. E até hoje ficou essa dúvida com ela, a impressão que eu sempre tive é de que ela dava atenção a todos os filhos e menos para mim. Mesmo com essa falta, eu sempre dei conta de tudo. E a vivência do nascimento me marcou como um acolhimento disso. A mãe veio olhar e ver que eu nasci. (Grifo nosso).*

Hator, por sua vez, ressaltou a vivência de *Dizer Não – Estabelecer Limites*, adaptada para este grupo, quando a Deusa Menina entrega a sua espada mágica para a pessoa cortar tudo o que não serve mais em sua vida.

*[...] Eu decidi cortar o medo do outro imaginário, que não tem corpo, que me tolhe, me impede de exercer uma profissão e é muito pesado para mim. Eu não sei se a espada era pesada demais ou o medo era muito forte porque, mesmo sendo uma espada imaginária, ela era muito pesada e eu não conseguia segurar nas mãos. Entrei numa luta interna e não conseguia fazer o movimento de corte. Eu até dei uns golpes meio esquisitos, mas aí eu debilitei num choro tão forte que eu não imaginei que pudesse me expor assim. Tinha duas lágrimas. Uma que corria rápido e outra devagar. E as duas caíram em cachoeira. Faz muito tempo que eu não choro na frente de ninguém. Eu não me permito chorar. Eu só choro escondidinho.*

Percebe-se nestes dois relatos a expressão da alma a partir do despertar da criança, através das vivências que trabalham essencialmente com movimentos corporais. Recorremos mais uma vez a Toro (2002, p. 138) para explicarmos rapidamente como são as vivências de Biodanza: “os movimentos naturais do ser humano (caminhar, saltar, espreguiçar-se, etc.), gestos ligados aos *costumes sociais* (dar a mão, abraçar, embalar, acarici-

ar...) e os gestos arquetípicos constituem os modelos naturais em que se baseiam os exercícios de Biodança”. Retornamos também a Jung (1984, p.1) para entendermos o que é a alma neste contexto: “a alma é o único fenômeno imediato deste mundo percebido por nós e por isto mesmo a condição indispensável de toda experiência em relação ao mundo”. Compreende-se que as emoções e sentimentos ficaram registrados em suas almas e o despertar da Deusa Menina fez emergir as lembranças, tanto na vivência de Cerridwen, resignificar o momento do nascimento com o olhar e o acolhimento da mãe e na vivência de Hator, a permissão para chorar na frente de outras pessoas.

Avançamos para o terceiro encontro, quando a semente morre para germinar e então, nasce a flor. Trabalhamos com predominância do elemento fogo e terra, dando ênfase na sensualidade, na percepção das transformações do corpo e na descoberta da própria sexualidade. O objetivo dessa aula era para que as mulheres expressassem a sua sensualidade com o acolhimento das “irmãs”, como se fazia nos rituais antigos da tenda vermelha. Propus que todas escrevessem *uma carta de amor para si e*, da mesma maneira dos encontros anteriores, esta vivência mobilizou muito o grupo. A Deusa Donzela retrata o poder da força do desejo e essa manifestação esteve muito presente nas escritas do grupo. Sheila: “*Eu te amo, eu te desejo menina flor, vulcão primavera. O fogo arde... Dança prá mim. Deixa tua efervescência me queimar [...]*”. Kwan Yin: “[...] *Eu quero te cheirar, te lamber, te morder, te consumir e num ato de amor entre carne e espírito nos fundirmos em uma chama de fogo intenso e verdadeiro. Eu te amo, te quero num hoje e Sempre, te desejo muito bem[...]*”. Shakti: “[...] *Teu corpo e teu ser são plenos e livres, teus peitos, teu ventre, tuas mãos, tua face, tua pélvis, teus pés, tua pele levam para o prazer, para a abundância, para desfrutar a vida livremente, com alegria, com tesão, com amor, assim, inteira, selvagem, sagrada, [...]*”.

Diferentemente dos outros encontros, as mulheres não falaram muito sobre vivências específicas, mas sim a respeito das repressões vividas na época da adolescência. Algumas confessaram que não se lembravam de muitas coisas sobre essa época, entretanto as vivências no grupo trouxeram à luz algumas recordações. Trago a fala de Sheila que pratica Biodanza em torno de 10 anos:

*Ouvindo vocês, comecei a lembrar algumas coisas da minha adolescência e da minha infância. [...] Agora vieram lembranças do meu padrasto e de minha mãe chacoalhando o meu braço no ônibus, quando eu tinha oito anos e dizendo: “homens são bichos do diabo. Eles mijam e vão embora”. Ele tinha abusado sexualmente de mim um ano e pouco antes. Então, ficaram muitas lembranças e ele dizia: “eu sei por que eu sou homem. Tu não deixas eles se aproximarem de ti”. E junto com isso, eu sempre fui uma menina gordinha que vivia junto de meninas esbeltas, sofria um monte de bullying. Eu tinha uma relação difícil com o corpo. E a sexualidade foi muito difícil para mim. [...]. Então, eu me enfeava mais do que eu já me sentia, porque se alguém sentisse interesse por mim, que fosse pela minha alma e não pelo corpo. A Biodanza me ajudou a entender que a sexualidade passa pelo corpo. A gente é que faz essa distinção entre corpo e alma. Mas, eu me vejo hoje curando isso, sentindo muito prazer. Ainda falta um ajuste com esse corpo. Nossa, isso ainda está aqui, ainda reverbera.*

Outras participantes também expressaram suas dificuldades. Maeve: “[...] Foi engraçado porque eu não lembro da minha adolescência. Eu não fui permitida viver. Foram muitas responsabilidades, muita coisa do tabu, enfim. A coisa de ficar grávida, não poder namorar [...]”. Tara: “[...] Para mim eu senti como se fosse um reencontro. Oi, você existe? Bem no período que eu estava entrando na minha adolescência eu perdi a minha

*mãe. Então, eu perdi não só a minha mãe, mas perdi também o referencial do feminino [...]”.* Entretanto, todas confessaram que saíram muito bem da sessão e tiveram uma semana leve, se sentindo lindas e com muita energia.

Estamos agora no quarto encontro dedicado ao despertar da Mãe Divina, quando a flor vira fruto e o desejo da Donzela se materializa. Dançar a mãe significa também dançar a filha. E nas falas do momento da partilha, isso ficou muito claro. Trabalhou-se também a relação da mulher com o seu útero como centro de poder e de criatividade e todas escreveram uma carta ao o seu útero. Estas vivências geraram muitas conexões e respostas surpreendentes, como foi registrado pelo depoimento de Bast, de quem foi retirado o útero há alguns:

*Naquele dia tudo foi muito forte e eu me senti falsa durante as vivências, mas, participei de todas com muito amor. Você falava tanto do útero e eu disse: meu Deus, e eu não tenho útero. E naquele momento que você falava da criatividade e de tudo isso, é o que está faltando para mim. Ficou um vazio, uma sensação de um vazio. E aconteceu um problema naquele dia. Depois daquele movimento do útero, que ficamos sentadas, paradas, eu senti uma dor forte, uma cólica e eu sangrei. Aí, eu me apavorei porque desde 2009 que eu não menstruo. E foi bastante fluxo, não foi pouco. No outro dia eu procurei o meu médico e ele não viu nada que pudesse ter provocado o sangramento. Ele acredita que pode ter sido uma bolha de sangue na cavidade da vagina que estourou. Eu estava morrendo de medo. Foi muito forte a vivência.*

Outras perceberam mudanças na relação com a sua mãe depois deste encontro. Kwan Yin, que iniciou a fala dizendo que se sentia órfã de mãe viva, declarou que “trabalhar a mãe me

*causou imensa tristeza. [...] De qualquer maneira, a tristeza que causou me chamou para encarar essas coisas e procurar uma ajuda profissional*". Cerridwen que na infância teve mais a presença da avó materna do que da sua mãe, se sentiu feliz por se perceber mais leve na relação com ela: *"Eu já fiz outras coisas, mas depois daquele dia (dançar a Mãe Divina) eu senti que eu me abri mais para a minha mãe de verdade. E eu estou conseguindo ver as coisinhas que ela está querendo fazer para mim e que eu estou achando legal"*.

Este é o quinto encontro, oferecido ao despertar da Deusa Anciã também chamada de Velha Sábia e Vovó Arquétipica. Este arquétipo traz o poder da sabedoria ancestral e ela habita as regiões mais profundas. Não utilizamos vivência de expressão gráfica. O conteúdo da pesquisa foi oferecido através das partilhas feitas pelo grupo e foram poucas. No geral, as participantes consideraram que as vivências foram mais suaves e tranquilas, mas houve aquelas que acharam difícil dançar esta Deusa. Maeve: *"De todas as vivências, de todos os dias, dançar a anciã foi muito leve, foi fluída, foi muito serena. Eu me senti muito bem. Acho que eu senti a paz da anciã. Foi a que eu mais gostei"*. Tara: *"Eu tive bastante dificuldade para estar aqui presente. Foram momentos de entrega, mas tinha uma barreira, achei difícil. Mesmo sendo mais suave, mais tranquilo, para mim foi mais difícil. Não consegui relaxar muito"*.

Partimos agora para o sexto encontro, destinado à integração destes quatro arquétipos femininos. Trabalhou-se cada um separadamente nos encontros anteriores e agora, se pretendeu, através de vivências, integrar todos em cada mulher, considerando o que Giraldez defende: *"Esta experiência nos conecta com um nível profundo dentro de nós, permitindo-nos passar do estado de fragmentação para o estado de integração da consciência"*. Incorporar esses arquétipos é viver a mulher e a Deusa em sua plenitude. A vivência chave deste encontro foi o caminho da

integração quando as mulheres assumiram a posição dos quatro arquétipos, acolhendo a consigna para incorporar, ou seja, trazer para o corpo as sensações ao tomar o lugar de cada uma das Deusas. Sheila, ao fazer o caminho, relatou o seguinte: *“eu sinto que eu tenho dificuldades com a minha criança. Eu me sinto intensa quando eu estou sofrendo. Sinto que isso tem a ver com a minha criança sofrida, mas me senti muito feliz por ter passado por todos os arquétipos”*. Bast: *“Todo o processo no caminhar desses arquétipos foi muito forte, principalmente vivenciar a mãe. Quando eu menstruei mesmo sem o útero, eu me senti a mulher completa. Hoje eu posso dizer que eu sou a mulher inteira, a mulher completa”*. Maeve: *“No caminho dos arquétipos, senti que eu realmente me soltei. E a emoção veio. Eu me lembro de cada palavra dita. E tudo o que eu ouvi teve bastante significado. Aí eu incorporei na criança e quando cada um de vocês que chegava, eu já sentia a pessoa e a palavra vinha”*. Cerridwen: *“As mulheres da minha família, a minha avó, a minha mãe, as minhas irmãs, todas são muito sérias, elas não sabem brincar, elas não sabem rir. Eu me espelhei em vocês e todas contribuíram com uma coisa. Eu estou saindo menos séria do grupo”*. Hator: *“Estou sentindo empoderamento, não estou mais dependendo dela (a mãe). Estou sendo eu e não a filha de minha mãe. Está sendo muito importante”*.

### Considerações Finais

A presente pesquisa demonstrou que é possível promover um diálogo significativo entre Biodanza e Gineterapia, tendo a Biodanza como instrumento altamente criativo de cuidado e de cura para o gineterapeuta, com o poder de mobilizar e promover mudanças relevantes. Percebe-se este poder através dos relatos das participantes, transcritos neste espaço. A Biodanza é uma prática voltada para a expressão do ser a partir da corporeidade,

ou seja, o corpo como elemento relacional. A Gineterapia, por sua vez, se coloca como sendo, nas palavras de Giraldez<sup>7</sup>, uma terapia apta para “cuidar e tratar da mulher no seu sentido mais amplo, assumindo a tarefa de guardiãs da vida, de reinar através do amor, de permitir que nosso prazer flua e que nosso corpo se libere de compulsões e toxinas”.

As vivências em Biodanza possuem o poder de promover uma regeneração existencial e se constatou esse poder de forma muito presente nas expressões gráficas como também nos relatos de vivências. Ao dançar cada face da Deusa, as mulheres dançavam também cada fase de suas vidas. Cada uma das participantes fez uma viagem por seu caminho existencial, voltando na menina e na donzela e vivendo a fase da mãe e da anciã. Mesmo que nunca tenham parido um filho, porque a fase da mãe é a fase da maturidade, a fase da criação e concretização de projetos; mesmo que ainda não tenham alcançado a velhice, porque cada mulher vive inúmeras mortes para renascer no seu processo de vida-morte-vida, vive muitos momentos inverniais e nesses momentos é a Deusa Anciã solicitando a interiorização, o recolhimento. Os quatro arquétipos moram na essência de cada mulher. E esta viagem evocou muitas lembranças e ressignificações de momentos e relações já vividas.

Os depoimentos dessas mulheres são férteis em situações de vida que adquiriram novos significados, são respostas do que foi vivenciado no grupo E essas ressignificações possibilitam o que na Biodanza se chama de reabilitação existencial. O principal recurso para a ação da Biodanza são as vivências e elas têm efeitos sobre a identidade, sobre os processos de integração afetiva, sobre a reabilitação existencial e os estados de consciência. Nos relatos oferecidos no último encontro, se percebeu o quanto as mulheres saíram empoderadas em seus processos. Sheila: “*Eu*

---

<sup>7</sup> Citação extraída da apostila oficial do Curso de Formação – Gineterapia – A Arte de Cuidar da Mulher – 1ª Fase: Iniciação nos Mistérios Femininos, 2014-2016, p. 3.



*saio daqui fortalecida. Eu me sinto uma mulher com coragem, mas esse grupo de mulheres me fortaleceu, me empoderou num outro patamar, de confiança, de trocas”. Maeva: “Eu nunca tinha feito Biodanza e achei uma experiência bem diferente. Normalmente quando começamos num grupo onde não conhecemos as pessoas, demora para todos se integrarem. E nesse, em pouco tempo parecia que todos já se conheciam a muito tempo.”. Tara: “Ter feito todas essas danças, saber que todas estão dentro de mim só esperando para se conectar, achei demais. Quebrou aquele paradigma da separação. Estão todas em mim, só esperando a conexão. Eu achei muito gostoso e senti a integração dos quatro arquétipos”. Kwan Yin: “Eu também evolui bastante, busquei outras terapias, dei um salto. Foi bem bom. Estou muito feliz, muito grata. Estou de coração unido com vocês de alma”. Eurínome: “Agora eu já consigo falar que eu sou professora de Ioga. Antes não. A minha mãe era, mas eu não. Eu era cópia da minha mãe”.*

Os sentimentos foram diversos em razão de cada pessoa ter a sua própria subjetividade, a sua própria bagagem existencial. Porém, nenhuma delas saiu deste trabalho inatingida. Cada mulher, da sua maneira, terminou este projeto sentindo-se agradada consigo e com o outro, se olhando de forma mais honesta e verdadeira e também lançando o seu olhar para a outra e compreendendo a dinâmica nas suas relações. Dores surgidas no convívio mãe e filha, por exemplo, foram adquirindo outras percepções através da conexão com esses arquétipos e a integração interna. Pode-se concluir que a Biodanza cumpre o seu papel quando se coloca como *um sistema de integração humana* e contribui substancialmente na promoção de mudanças existenciais e que na sua relação pode ser um valioso instrumento de trabalho para o gineterapeuta, contando que o profissional esteja efetivamente habilitado e credenciado pela IBF - International

Biocentric Foundation a trabalhar como facilitador de Biodanza SRT.

### Referências:

AMARAL, M.N.C.P. *Dilthey – Conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito*.

<http://www.scielo.br/pdf/trans/v27n2/v27n2a04.pdf>. Acesso em 25/01/2017.

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

EISLER, R. *O cálice e a espada: nossa história, nosso futuro*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

HAGUETTE, T.M.F. *Metodologias qualitativas* in Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987, Pp. 55-92

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JUNG, C.G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *A estrutura da alma*.

<https://psicologadrumond.files.wordpress.com/.../carl-gustav-jung-a-estrutura-da-alma>. Acesso em 17/02/2017

LELOUP, J.Y. *Uma arte de cuidar: estilo alexandrino*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 4ª ed, 2012.

MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

TORO, R. *Biodanza*. São Paulo: Editora Olavabrás/EPB, 2ª ed, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.



## INTRODUÇÃO À TEORIA DA COMPLEXIDADE

Agostinho Mario Dalla Vecchia

A partir de 1500 inicia o processo de desenvolvimento da ciência moderna. Ela se fundamenta sobre uma concepção mecanicista lógica e matemática do universo, articulada pelo pensamento linear. Este universo seria como uma grande máquina a ser investigada e expressa em dados lógicos e matemáticos. Neste sentido, tudo pode ser medido e pesado. O que não se enquadra é desconsiderado dentro da ciência.

O homem é pensado como um ser dividido entre corpo e alma. A “integração” de ambos, segundo Descartes se faz de forma mecânica. Emoções e sentimentos, sensibilidade e intuição são descartados do universo da ciência. Os sentidos, as emoções, os sentimentos são vistos como algo que atrapalha o pensamento “objetivo” e linear.

O cientista se coloca diante da coisa que estuda de forma separada, distante, desvinculada. Não pode ter envolvimento. Chama isso de objetividade a qual se traduz em argumentos lógicos ou em números. A relação é de sujeito diante do objeto. Sobre o objeto se pode interferir para conhecê-lo. É a chamada racionalidade do mundo moderno que tomou conta do planeta. É uma visão antropocêntrica do mundo. O homem nesse caso tem como fundamental sua racionalidade que se expressa na ciência, se traduz no conhecimento técnico, o

que lhe permite a intervenção e o domínio sobre o universo tornando-o sua propriedade. Ser se identifica com o ter. A propriedade privada e exclusiva é própria do capitalismo que se universalizou com a globalização.

A essência das relações na economia é a competição – uma guerra dilacerante que fez da produção capitalista algo devastador e suicida. Coerentemente com essa economia, a política se caracteriza pela luta de conquista e manutenção do poder a qualquer preço. A guerra é a essência da articulação pelo poder de domínio.

A educação passou a ser a forma de instrumentalizar as pessoas para competir no mercado. Educar é habilitar o aluno para competir e ser vencedor. Onde há vencedor sempre há vencidos. Isso é considerado natural. A escola não deve centrar o interesse na vinculação e na integração das pessoas.

Dentro desse modelo a pesquisa científica metodologicamente apresentada pela física, ganhou uma metodologia própria, passo a passo, correspondendo a esse modo de ver o mundo, de ver a realidade e de entender a verdade.

Somos tributários e estamos encharcados de um pensamento linear que no caminhar da própria ciência moderna foi sendo quebrado. Mas a realidade e a vida foram se mostrando com movimento evolutivo, em espiral, em teia. Há pouco tempo os astrônomos modernos, na investigação cada vez mais profunda do universo, perceberam que as galáxias formam redes de movimento e interação que parece uma dança cósmica de integração desde suas dimensões caóticas até a mais alta sofisticação cósmica em um processo sempre aberto.

Durante o século XX e nos primeiros anos do Século XXI abriu-se caminho para uma visão de mundo centrada na vida e que se denomina Visão Biocêntrica. Em Biodança e na Educação Biocêntrica ela já dispõe de um Modelo Teórico extremamente rico e aberto,

possibilitando um processo evolutivo do pensamento e uma operacionalização criativa da educação, da economia, da política, etc. Sua expressão teórica é a **Teoria da Complexidade**. As investigações da Física, da Matemática, da Economia, das Organizações mostraram uma face da realidade que nos pressupostos anteriores não tinha espaço para ser admitida. Surgiu a chamada teoria sistêmica na Matemática e na Física; com Fritjof Capra particularmente na Física surgiu a Teoria da Teia da vida, aplicada na abordagem das organizações na obra: *As Conexões Ocultas*.

Na Biologia Maturana e Varela propuseram a Teoria de Santiago na qual entendem que a cognição se dá em todos os seres vivos. Conhecer é sinônimo de viver, viver é sinônimo de conhecer. Expressam as categorias dos processos da vida e de conhecimento como Autopoiese – que é a capacidade da vida se autoproduzir. A vida realiza um acoplamento estrutural com o ambiente. O que é muito sugestivo para o conhecimento. Que é um ato de gerar um mundo o que implica na percepção, na emoção, na consciência, no pensamento e na ação. Isso configura o princípio biocêntrico dessa abordagem.

Na área da educação o francês Edgar Morin apresenta um esforço de configurar os fundamentos teóricos e metodológicos de investigação e da educação. Na Educação e na Psicologia também vamos encontrar Rolando Toro fundador da Biodanza e da Educação Biocêntrica, falando de pressupostos básicos da construção do saber na perspectiva de uma visão de mundo centrada na vida. Apresenta um Modelo Teórico que expressa essa visão dinâmica do mundo e da vida em permanente processo aberto. Juntamente com atividades educativas e reflexões teóricas de alguns facilitadores e educadores como Ruth Cavalcante visualizou-se a convergência da metodologia Freireana, do Holismo, do Construtivismo e a própria metodologia da educação biocêntrica integrados numa metodologia aberta e cada vez mais consistente para dar conta do conhecimento e do processo educativo.

Na área econômica, política e social também está se configurando a ideia de integração da vida nos processos de produção, circulação e consumo. Redes sociais de comunicação, a uma velocidade espantosa, formam teias sistêmicas cada vez mais complexas e evolutivas, gerando fluxos dinâmicos de relações.

Na área da saúde como o da Biodanza, o estudo do corpo está se tornando um estudo da corporeidade complexa. Não mais se vê somente o corpo seccionado, morto e frio da visão mecanicista e sim uma corporeidade viva, dinâmica que constitui um organismo com profundo e complexo processo de interação de sistemas neurológico, circulatório, linfático, digestivo em movimento de relação com a dimensão afetiva, criativa, sexual, transcendente e vital do ser humano. Essa interação se realiza no seio de um conjunto de relações sociais estabelecidas a partir das experiências originárias, das formas de pensar, das visões de mundo, das instituições que constituem a cultura onde estamos individual e coletivamente mergulhados.

Na área da Medicina está ganhando corpo uma concepção integrada de cura e de saúde, a medicina integrativa, através do resgate de uma alimentação orgânica e pelo cuidado com o corpo e seu processo nutritivo. A profunda e trágica agressão à saúde do corpo e da totalidade do ser individual e da sociedade, que ocorre através da contaminação poluente da terra, da água, do ar, dos alimentos e da contaminação da vida pelo individualismo, solidão, competição, do sistema de morte agredindo o planeta e a sociedade humana, preocupa alguns profissionais para resgatar de forma dinâmica e integrativa a saúde humana através de alimentação saudável. Aos poucos se percebe a preocupação médica com a integração de uma dimensão afetiva e transcendente nesses processos. Nossa cultura e nossas instituições, que corporificam a doença de modo concreto nas relações competitivas, demonstra uma profunda patologia do afeto.

A configuração complexa surge nos movimentos de um organismo vivo, o planeta terra, cada vez mais investigado em suas mani-



feições através das ciências de estudo do universo como um grande organismo vivo.

A teoria da complexidade implica em uma nova visão de mundo centrada na vida e em nova metodologia de abordagem da realidade: uma metodologia biocêntrica de pesquisa, organização das instituições e de educação.

Entendemos que as teorias do conhecimento se constroem conforme as visões de mundo e as concepções cosmológicas, antropológicas e sociais que as sustentam. A visão de mundo forjada no seio da Idade Média, pela fusão do Cristianismo com a Cultura Greco-romana, resultou na Visão Antropocêntrica Moderna que sustenta a cultura ocidental com as características que se materializaram, se organizaram e se institucionalizaram na economia capitalista, na “democracia” política burguesa, na educação ocidental, na família machista patriarcal, na religião de domínio e conquista, na cultura ocidental, em geral, com determinante significação na linha do poder e da dominação (ZANOTELLI, J. DALLA VECCHIA, A.M.1999).

As relações que permeiam essas instituições e todo nosso modo de ser e de viver (a cultura), no Ocidente, são relações de competição, de concorrência e de guerra. O homem é um ser individual, solitário, auto-suficiente e que basta a si mesmo com uma perspectiva oriunda da experiência originária de que ser homem é ter, é possuir, é dominar. Essa experiência originária se configurou nos horizontes das tribos nômades das estepes euro-asiáticas, denominadas em conjunto como povos indo-europeus. O instrumento para dominar estabelecer a propriedade é a razão, lógica e matemática. O que pode ser medido e pesado é o âmbito do conhecimento. O conhecimento lógico e matemático se traduz na técnica a qual operacionaliza a ação do homem no mundo.

Uma concepção mecanicista de universo o coloca como objeto a ser dominado, manipulado e transformado em propriedade para o

homem. Neste sentido, o conhecimento se configura como conhecimento racional, lógico e matemático, que permite a dominação e a apropriação do mundo. Segundo teóricos do conhecimento moderno a natureza deve ser dominada, submetida e às vezes torturada para que se dobre aos objetivos do homem.

Qualquer conhecimento da realidade para ser válido tem que ser provado. Os sentidos sempre podem nos enganar. O núcleo do ser humano é a sua racionalidade. A razão é o elemento constitutivo do ser humano. Afirmou Descartes que “penso, logo existo”. Com a mesma visão racionalista essa máxima repetiu-se posteriormente como “trabalho, logo sou” em Marx, como “desejo, logo sou” em Freud, como “decido, logo sou” no existencialismo (ZANOTELLI, DALLA VECCHIA, 2001).

O conhecimento válido e legítimo é o conhecimento racional, que caracteriza a ciência e que permite o surgimento da técnica e desencadeia o desenvolvimento da revolução industrial. Em nossa avaliação, o conhecimento racional das ciências é válido no âmbito da matematização, mas não pode ser caracterizado como único válido. Este cientificismo está incorporado nas pessoas que querem geralmente ter a segurança de uma prova matemática ou lógica convincente de realidades que não cabem nessas medidas.

Pela profunda e definitiva separação corpo-alma, “o maior desastre antropológico da humanidade” segundo Rolando Toro, instalou-se também a desqualificação do corpo e a tudo que lhe diz referência. As dimensões emocionais, os instintos, os sentimentos e suas expressões são relegados como formas não adequadas de conhecimento.

Este trabalho visa identificar elementos formais, dinâmicos, estruturais e significativos da teoria do conhecimento complexo e da educação biocêntricos. É um esforço de configurar a teoria do Conhecimento Biocêntrico

Visamos apontar também pressupostos epistemológicos, ontológicos e pedagógicos para a abordagem de temas como a educação biocêntrica, a biodanza e o pensamento biocêntrico.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE COMPLEXIDADE

Todos sabem que uma etapa histórica, uma totalidade cultural tem seu processo de surgimento lento, progressivo, realizando um processo de surgimento, desenvolvimento, consolidação institucional e declínio. Cada período, maior ou menor de duração, se caracteriza, em termos de pensamento como uma visão de mundo. Após meio milênio de vigência do mundo ocidental que se expandiu pelo planeta nas últimas décadas, estamos assistindo ao surgimento de nova forma de ser e de viver. Em meio à vivência turbulenta do sistema atual, emergem como exigências elementares novas formas de ser, de se expressar e de se articular no mundo. É uma forma de cultura que busca centrar-se sobre a vida. A formulação teórica que lhes corresponde é a Complexidade.

A teoria da complexidade nasce do entrelaçamento das ideias, dos pensamentos, das emoções, dos sentimentos, do amor, da beleza e da ética. É o entrelaçamento da vida com todos seus movimentos e fenômenos. O universo funciona como um imenso holograma diz Rolando Toro e nós inseridos nele e parte dele temos possibilidade de conhecê-lo através de nossa consciência ampliada e nutrida pela vivência do amor infinito. A presença palpitante da vida permite a construção de um conhecimento em permanente evolução assim como a própria vida.

Complexidade é o entrelaçamento de coisas, de fatos, de fenômenos, de acontecimentos e de pensamentos que formam totalidades em movimento de formação, desestruturação e de reorganização permanentes. Nelas convivem contradições, incertezas, confusões e

reorganizações a partir do caos. O pensamento coerente com a realidade é um pensamento complexo e não simplificador, segundo Edgar MORIN.

Morin insiste que no processo do pensamento se entrelaçam e convivem afirmações, contradições, complementaridades, desestruturas, desorganizações de ideias, reestruturas. É como nos processos do universo físico que, os elementos em movimento, apresentam caos, organizações, complementações, contradições, desestruturas e reorganizações.

No universo da vida, no mundo biológico, a vida em movimento permanente apresenta processos de caos, de desestruturação, de organização, de contradição, de reorganização e novo caos, num processo em espiral e crescente. A vida sempre evolui.

Na história o fenômeno se repete e veremos momentos de caos, de organização de estabilidade e equilíbrio momentos de desorganização para voltar novamente à nova organização E novas totalidades vão se formando em processo evolutivo.

O pensamento aberto, fundamentado na vida e expresso na complexidade, busca ser expressão e espaço de vida. Essa dimensão é a grande lacuna do pensamento dominante e exclusivo da nossa cultura de poder. O pensamento da complexidade tem como pressuposto que o universo é centrado na vida. Em Rolando Toro o pensamento complexo se configura no Modelo Teórico do Principio Biocentrico, focado na Educação e na Psicologia. Como afirmamos acima a complexidade é uma compreensão que nasce da nossa capacidade racional, da experiência, da vivência, da compreensão do universo como um todo através de nossa consciência ampliada. Também integra, no mesmo processo, a nossa afetividade na vivência do “amor infinito”, a nossa “capacidade estética” de vivenciar a beleza, a nossa “capacidade ética” que junta a beleza e o amor.

Para Fritjof Capra a complexidade se entende pelo fenômeno da teia da vida, por uma vivência de consciência ampliada e pela integração do pensamento que percorre a abordagem da natureza da coisa analisada, a sua dinâmica, os resultados materiais dessa dinâmica da vida e os sentidos éticos, estético, político dessa compreensão. O movimento crescente e evolutivo da vida se expressa no surgimento de novas realidades vivas como as organizações que trazem consigo novas qualidades e novos processos dinâmicos de complexificação da realidade. Cada nova organização da origem a um novo organismo vivo. Edgar Morin, focado na necessidade da reforma da educação busca viabilizar o pensamento identificando noções básicas necessárias na tessitura de um pensamento complexo. É a percepção de que a realidade forma sistemas. O Sistema com o qual compreende que a realidade por meio da organização se constitui em algo mais que a mera soma das partes da concepção reducionista.

Existe, na verdade segundo Morin, uma resistência. Veja por exemplo o caso das ciências cognitivas, a neurociência, a ciência do cérebro, a ciência da inteligência artificial, a psicologia cognitiva: elas poderiam formar um conjunto, articular-se entre si. Mas não o fazem. Ao invés de articulação, o que há é uma luta pelo poder: os neurocientistas aferrados ao seu reducionismo, os teóricos da inteligência artificial querendo resolver tudo pelos processos dos autômatos... E assim se desenvolve a resistência. As estruturas do pensamento são muito rígidas.

Um sistema oferece um novo conjunto de qualidades. Grande número de moléculas no universo permitiu o surgimento do primeiro ser vivo com qualidades novas como o conhecimento, a memória, o movimento e a auto-reprodução. A noção de sistema ou de organização permite conectar e religar as partes a um todo e nos livrar dos conhecimentos fragmentários.

A causalidade circular. O verdadeiro conhecimento efetiva o circuito do conhecimento das partes na direção do conhecimento do

todo e do todo na direção do conhecimento das partes. A ideia mais vigorosa é a de um circuito autorregenerador ou recursivo, um circuito no qual os efeitos e o produto tornam-se necessários à produção e à causa daquilo que os causa e daquilo que os produz. Nós, por exemplo, somos o produto de um ciclo de reprodução biológica do qual nos tornamos os produtores. Em nossa identidade de indivíduo social carregamos a alteridade da sociedade. Em nossa identidade de sujeito pensante carregamos a herança genética da humanidade e a herança pulsional de nossa animalidade. A dialógica. A terceira noção denominada dialógica por Morin, a considera herdeira da dialética como presença necessária e complementar de processos ou instâncias antagonônicas. É a associação complementar dos antagonismos que nos permite religar ideias que se rejeitam mutuamente, como as ideias de vida e de morte. O Princípio Hologramático explicita que em um sistema ou em um mundo complexo, o todo se encontra na parte e a parte encontra-se no todo. Carregamos o reino mineral, vegetal, animal, os vertebrados, os mamíferos, etc. Enfim, a mundialização está em cada um de nós. Não somos meros espelhos do cosmo, simples microcosmos idênticos, como se pensava. Exatamente por sermos singulares trazemos em nós a totalidade do universo, o que nos situa na mais ampla religação que possa ser possível. (MORIN, 2015, p. 116-117).

Em nosso corpo há uma integração dinâmica e crescente de sistemas muscular, esquelético, circulatório, linfático, endócrino, racionalidade, afetividade, sentimentos, emoções e sensações percepção consciente e ampliada e a percepção ética. O movimento de humanização ou de degradação não para, estão em permanente evolução. Neles se integram traumas ou registros de toda ordem advindos de nossas vivências e experiências.

A complexidade está no macrocosmo e também no microcosmo. Neles há ação e interação, há um movimento que advém do processo da vida, permanentemente dinâmico, processos de caos e cosmo, de

organização e em desorganização onde as coisas se entrelaçam, se atam e desatam em movimento vivo. As contradições fazem parte.

É fundamental a expressão Mariotti, centrado na ideia do sistema, ao afirmar que:

A complexidade não é um conceito teórico e sim um fato da vida. Corresponde à multiplicidade, ao entrelaçamento e à contínua interação da infinidade de sistemas e fenômenos que compõem o mundo natural. Os sistemas complexos estão dentro de nós e a recíproca é verdadeira. É preciso, pois, tanto quanto possível entendê-los para melhor conviver com eles. (MARIOTTI, 2000). [www.geocities.com/complexidade/introd.html](http://www.geocities.com/complexidade/introd.html)

Assim vamos abordar em síntese alguns autores que apresentam suas ideias sobre complexidade, entre eles Leonardo Boff e principalmente Rolando Toro centrado na questão da psicologia e da educação. Depois buscaremos algumas contribuições para a educação, para a política, para a epistemologia.

As investigações da Física, da Matemática, da Economia, das Organizações mostraram uma face da realidade que nos pressupostos anteriores não tinha espaço para ser admitida. Surgiu a chamada teoria sistêmica na Matemática e na Física.

A teoria da complexidade que vem se consolidando ganha operacionalidade na economia solidária, na produção ecológica, na política, na educação integrada à vida, na ciência, na visão integrada e natural da medicina, na Biodanza, etc. Os pressupostos da ciência vão mudando lentamente configurando novas modalidades e caminhos do pensar e da construção da ciência. As exigências da ética são cada vez mais fortes à medida que se desvenda a natureza das relações na cultura do ocidente, revelando inclusive uma profunda patologia social e cultural: a competição.

## REFERENCIAS

CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável, são Paulo: Cultrix, 2002

CAPRA. Fritjof, O Ponto de Mutação, são Paulo, Ed. Cultrix, 1982.

MATURANA. Humberto e Varela. Francisco, A árvore do conhecimento. Campirui-SP. Psv, 1987.

MORIN, Edgar. Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MORIN, Edgar. “Complexidade e ética da solidariedade”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). Ensaios de complexidade. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 07 a 20].

MORIN, Edgar. A Cabeça Bem-Feita. Repensar a reforma – reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. JACOBINA, Eloá (trad.), 2000.

MORIN, Edgar. Amor, poesia, sabedoria. Tradução Edgar de Assis Carvalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Morin, Edgar. Ensinar a viver: Manifesto para mudar a educação. Editora Meridional/Sulina, porto Alegre, 2015.

MORIN, Edgar. O método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2002a.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro, são Paulo: Cortez Editoras, 2002.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar. Organização e Tradução Paula Yone Strob. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.



MORIN, Edgar. Terra-Pátria. Porto Alegre, RS: Sulina, 2002b.

MORIN. CURANA. MOTA, Educar na Era Planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez Editoras, 2003. Os desafios da Era Planetária. P. 61-96.

SIGNOR, Dorli. Para além da pele, mas não sem a pele. Santa Maria: Gráfica e Editora Palloti, 2004.

TORO, Rolando. Educação Biocêntrica. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro. Interational Biocentric Foundation.

TORO, Rolando. Inconsciente vital e princípio biocêntrico. Santiago: International Biocentric Foundation, 2003.

TORO, Rolando. Modelo Teórico. Educação Biocêntrica. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro. Interational Biocentric Foundation. Sd

TORO, Rolando. O Princípio Biocêntrico. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro. Interational Biocentric Foundation. sd

VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. Pensamento Pedagógico Biocêntrico. Editora e Gráfica Universitária, Pelotas , 2009.

ZANOTELLI, Jandir. América Latina: raízes sócio-político-culturais. 2.ed. Pelotas: Educat, 1999.